CHINA-ÁFRICA NO CONTEXTO DA BRI-B3W

Li Anshan[1]

CC BY

Introdução

Em 1992, o professor Lester Thurow, um famoso economista americano do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (*Massachusetts Institute of Technology*, MIT, na sigla em inglês), publicou um livro intitulado *Head to Head: The coming economic battle between Japan, Europe, and America*, para analisar a próxima competição entre as potências econômicas no século XXI (Thurow 1992). Parece que o autor estava bastante confiante no futuro dos gigantes econômicos Japão, Europa e EUA e acreditava que o clube dos ricos aceitava apenas um país – o Japão no século XX, e não seria surpresa se nenhum outro país entrasse no clube no século XXI. Uma vez publicado, o livro despertou grande repercussão no Japão, Europa e Estados Unidos e tornou-se um dos *best-sellers* não literários. Não importa quão brilhantes sejam as realizações acadêmicas de Lester Thurow, sua previsão não se concretizou desta vez. Ele nunca pensou que a Europa e os EUA passariam por uma crise financeira no novo século e que a China se tornaria a segunda economia mundial em 2010. Tampouco esperava que o relatório de pesquisa da *Gallup* sobre *Rating World Leaders* (2018) descobrisse que as pessoas, em 134 países e regiões ao redor do mundo, reconheceram a liderança da China ser 34% superior em relação a 31% para os EUA. Esta é a segunda vez, desde 2008, que o reconhecimento global de liderança da China supera o dos EUA, estabelecendo um recorde para a China em 10 anos (Ray 2019).

Por que o Sr. Thurow ignorou as economias emergentes? Isso parece compreensível do ponto de vista histórico. No início dos anos 1990, a Rússia ainda estava sob o controle da cortina de ferro, a China se recuperava da

1 Escola de Estudos Internacionais, Peking University. Pequim, China e University of Electronic Science and Technology of China. Sichuan, China. E-mail: anshanli@pku.edu.cn.

Revolução Cultural e dos acontecimentos de 1989, a Índia ainda era assombrada por pesadelos burocráticos e a economia do Brasil estava estagnada por uma década. Esses países estavam perdidos na economia de mercado global, sofrendo com erros de política econômica, carência na bolsas de valores, expansão de burocracias ou super turbulência e precisaram passar por uma dor profunda antes de poderem embarcar no caminho normal do desenvolvimento (Van Agtmael 2012). Este é o momento em que o Sr. Thurow escreveu seu livro e ele nunca pensou que a situação poderia mudar tão drasticamente. Referente às relações China-África, há sempre debates acalorados e várias opiniões, invenções e fatos. É necessário fazer um estudo mais cuidadoso e objetivo[2].

Ao que tudo indica, a globalização está agora atravessando a África. Agricultores em Gana estão em uma posição precária por causa do influxo de arroz barato subsidiado dos EUA; motoristas americanos abastecem seus carros com óleo importado da Nigéria; os senegaleses estão comprando roupas feitas na China e no Vietnã; os habitantes de Pequim bebem cerveja sul-africana enquanto consultam os jornais para ver os valores das ações da Naspers lá; os africanos têm negócios regulares em Yiwu, um mercado em expansão na província de Zhejiang, na China, para revendedores internacionais; as fotos do etíope Mursi espalharam-se no Japão pela internet; a diáspora africana forma a sexta parte do povo africano. A globalização penetra em todos os lugares. Para os africanos, existem casos positivos e negativos. O empresário nigeriano mais rico da África, Dangote, iniciou seus negócios com produção de cimento com empreendimentos diversificados e foi hábil no uso de capital internacional. Desde 2008, iniciou a cooperação internacional com a SINOMA, construindo sucessivamente mais de dez fábricas de cimento na África do Sul, Quênia, Nigéria, Etiópia, dentre outros países. Em 2017, ele investiu US $500 milhões em cimento no Congo (construção) e investiu em infraestrutura africana. Seu negócio é um bom exemplo de globalização econômica. Há também exemplos negativos. O caju é uma das principais exportações de Moçambique. Em 1995, o Banco Mundial informou o Governo moçambicano que deveria acabar com a proteção contra a indústria de processamento de caju e permitir a exportação para processamento estrangeiro ou não ofereceria assistência estratégica ao país. Moçambique teve que fechar todas as grandes fábricas de processamento de caju em 2001,

2 Recentemente, um comentário de um tanzaniano causou uma resposta impressionante e mais de 1,5 milhão de pessoas expressaram suas opiniões depois. Quora: "Os ocidentais que criticam a China por ajudar a África (sim, ajuda) sabem que os africanos realmente os reconhecem e à sua 'ajuda'". https://www.quora.com/Do-Westerners-who-bash-China-for-helping-Africa-yes-helping-know-how-actual-Africans-view-them-and-their-helping.

e 10.000 empregos desapareceram. A globalização econômica tornou-se uma tendência e é impossível escapar ou evitar. A única maneira de se ajustar é manter sua própria soberania, colocar mais ênfase na autoconfiança do que na ajuda de quaisquer partes e desenvolver gradualmente sua própria capacidade (Li Anshan 2021, 43-53).

O século XXI testemunhou grandes mudanças nos assuntos internacionais. O Brexit trouxe uma nova situação na Europa e a Grã-Bretanha pode ou não gozar de sua independência, enquanto Alemanha, França e outros países da União Europeia (UE) tentam se ajustar à nova situação. A crise racial está se espalhando por todos os EUA, o qual acabou de se retirar do Afeganistão, onde criou muitos problemas durante a sua permanência. O Oriente Médio enfrenta enormes obstáculos para trazer a paz à região. Desde 2009, a China ultrapassou os Estados Unidos como o maior parceiro comercial da África. Inesperadamente, o aumento no número de estudantes africanos na China é notável. Segundo Breeze e Moore (2017):

> [...] em menos de 15 anos, o número de estudantes africanos cresceu 26 vezes, de pouco menos de 2.000 em 2003 para quase 50.000 em 2015. De acordo com o Instituto de Estatística da UNESCO, EUA e Reino Unido recebem cerca de 40.000 estudantes africanos por ano, a China ultrapassou esse número em 2014. Este aumento dramático de estudantes vindos da África pode ser explicado em parte pelo foco do governo chinês direcionado aos recursos humanos africanos e no desenvolvimento da educação (Breeze e Moore 2017, s/p, tradução nossa)[3].

O Partido Comunista da China acaba de completar 100 anos e continua a luta em benefício do povo. De forma trágica, o mundo está sofrendo com a COVID-19, que está matando pessoas e prejudicando a economia e a vida social em todos os cantos do mundo. Os líderes africanos chegaram a um acordo sobre uma Área de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA), projetada para unir 1,3 bilhão de pessoas em um mercado comum.

Existem vários eventos importantes relacionados ao continente africano em 2021. A AfCFTA, que teve início em março de 2018 em Kigali, capital de Ruanda, foi lançada oficialmente como a maior área de livre comércio do mundo no dia 1ffl de janeiro. Um mercado único que abrange 54 países com um PIB de US $3 trilhões tornou-se uma realidade. Segundo

3 No original: *"In less than 15 years the number of African students has grown 26-fold, from just under 2000 in 2003 to almost 50,000 in 2015. According to the UNESCO Institute of Statistics, the US and UK host around 40,000 African students a year; China surpassed this number in 2014. This dramatic increase in students from Africa can be explained in part by the Chinese government's targeted focus on African human resources and education development"* (Breeze and Moore 2017, n/p).

os acordos, a partir de 1ffl de janeiro de 2021, os membros da AfCFTA irão eliminar gradualmente as tarifas sobre mercadorias conforme as categorias de produtos e suas respectivas condições. Com a abertura do site oficial e plataforma de monitoramento de dados de apoio, o Secretariado da AfCFTA, em Acra, capital do Gana, foi oficialmente entregue e colocado em operação em agosto de 2020. Este é um ótimo início para oferecer novas esperanças e alegria ao continente em termos de impulsionar o comércio intra-africano e, eventualmente, facilitar o desenvolvimento e a industrialização da África.

De 4 a 5 de junho de 2021, a Cúpula do G7 foi realizada na Baía de Carbis, Cornualha, na Inglaterra, com líderes mundiais deliberando sobre questões globais importantes. Na cúpula, o presidente dos EUA, Joseph Biden, propôs o plano estratégico *Build Back Better World* (B3W) e pediu um forte apoio à África. Em 8 de outubro, uma cúpula entre a França e os países africanos foi aberta na cidade de Montpellier, ao sul do país. Em meio às sérias tensões da França com a Argélia e o Mali, o presidente francês, Emmanuel Macron, decidiu buscar um novo avanço nas relações com a África por meio da cúpula. Pela primeira vez, desde que a cúpula começou em 1973, adotou-se uma estratégia singular ao convidar jovens representantes africanos de vários campos em vez de chefes de Estado do continente. Jovens empresários e artistas da África compareceram ao evento para participar da discussão de questões políticas, econômicas e culturais.

Em outubro de 2021, o presidente turco Erdogan visitou Angola, Nigéria e Togo, e a Terceira Cúpula da Parceria Turquia-África foi realizada de 16 a 18 de dezembro em Istambul. Como uma economia emergente, a política da Turquia em relação à África expandiu-se da economia para outras áreas. O número de embaixadas turcas na África aumentou de 12, em 2002, para 43, enquanto as embaixadas africanas em Ancara passaram de 10, em 2008, para 37. Com o tema "Parceria Reforçada para o Desenvolvimento e Prosperidade", mais de 100 ministros e 16 chefes de Estado e de governo da África participaram da cúpula, indicando uma nova etapa nas relações bilaterais. A cúpula foi concluída com a adoção de um plano de ação para os próximos cinco anos. O presidente Erdogan visitou mais de 30 nações africanas durante seu mandato de 19 anos como primeiro-ministro ou presidente. Dados oficiais indicam que o comércio bilateral aumentou de US $5,4 bilhões em 2003 para US $25,3 bilhões em 2020, e Erdogan anunciou que a Turquia pretende dobrar seu comércio com a África para US $50 bilhões. As empresas turcas fortaleceram sua presença na África, investindo principalmente em construção, aço, cimento, setor têxtil, utensílios domésticos e aparelhos eletrônicos. A Turquia também dispô-se a oferecer apoio

aos Estados africanos na luta contra o terrorismo, o crime organizado e fortalecer a cooperação na erradicação da pobreza no continente[4].

Nos dias 29 e 30 de novembro, a 8ffi Conferência Ministerial do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) realizou sua cerimônia de abertura em Dakar, Senegal, pela quarta vez na África e pela primeira vez na África Ocidental. A reunião teve importância global no contexto das mudanças no cenário internacional, da pandemia de COVID-19 e da intensificação da crise climática. Autoridades de 53 países africanos e da China participaram da conferência. Antes da conferência ministerial, o Vice-Ministro do Comércio da República Popular da China, Qian Keming, encontrou-se com o Secretário-Geral da Zona Franca da África e assinou o Memorando de Entendimento sobre o Estabelecimento de um Grupo de Especialistas em Cooperação Econômica, em 22 de outubro de 2021. Os dois lados elogiaram o histórico respeito mútuo e cooperação de benefício entre a China e a África, e acreditavam que o estabelecimento do Grupo de Especialistas em Cooperação Econômica promoverá ainda mais os intercâmbios econômicos e comerciais China-África[5].

As conquistas da cooperação China-África são impressionantes. Dois casos. Makhtar Diop, Vice-Presidente do Banco Mundial para a Região da África, salientou em 2015, "Em 2012, um quarto das exportações de mercadorias de África vieram para a China. Na frente externa, o crescimento africano tem estado intimamente ligado ao *boom* das *commodities* na China e a emergência chinesa como um dos principais parceiros comerciais e de investimento africano, bem como o aumento dos fluxos financeiros transfronteiriços" (Diop 2015, s/p, tradução nossa)[6]. No dia 10 de dezembro de 2021, logo após a 8ffi Conferência Ministerial do FOCAC, realizou-se a cerimônia de conclusão do projeto da estrada N13 de Moçambique (trecho Cuamba-Muita) realizado pela China. Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique, esteve presente no evento e cortou a faixa de inauguração. O Projeto da Estrada N13, com uma extensão total de 138 km, é uma parte importante do "Corredor de Nacala", o plano nacional de desenvolvimento de Moçambique. Após a conclusão, o projeto se tornará um corredor de comércio

4 *"3rd Turkey-Africa summit commits to boosting cooperation in various fields"*, Fonte: Xinhua| 2021-12-18 23:44:12. http://www.xinhuanet.com/english/2021-12/18/c_1310381109.htm.

5 *"The Ministry of Commerce and the Secretariat of the African Mainland Free Trade Zone signed a memorandum of understanding on establishing a cooperation expert group online"*, 27 de outubro de 2021. http://www.mofcom.gov.cn/article/bnjg/202111/20211103213445.shtml.

6 No original: *"In 2012, one-quarter of Africa's merchandise exports came to China. On the external front, African growth has been closely linked to the commodities boom-growth in China and the emergence of China as one of Africa's main trade and investment partners-as well as the surge in cross-border financial flows"* (Diop 2015, n/p).

internacional ligando Malauí, Zâmbia e outros países africanos sem litoral, e uma importante passagem marítima da África Austral ao Oceano Índico[7].

Segundo dados oficiais, "De 2000 a 2020, a China ajudou os países africanos a construir mais de 13.000 km de estradas e ferrovias e mais de 80 instalações elétricas de grande escala, e financiou mais de 130 instalações médicas, 45 instalações esportivas e mais de 170 escolas. Também treinou mais de 160.000 funcionários para a África e construiu uma série de projetos emblemáticos, incluindo o Centro de Conferências da União Africana. A assistência da China estendeu-se da economia à vida social e é amplamente bem-vinda e apoiada por governos e povos na África. A China cancelou a dívida contraída na forma de empréstimos sem juros ao governo chinês com vencimento até o final de 2018, que se aplicava aos países menos desenvolvidos da África, Estados altamente endividados e pobres, em desenvolvimento sem acesso ao mar e pequenos países insulares em desenvolvimento com relações diplomáticas com a China. "Durante a pandemia de COVID-19, a China cancelou as dívidas pendentes de 15 países africanos sob a forma de empréstimos sem juros que venceram no final de 2020"[8].

Na Cúpula de Wuzhen da Conferência Mundial da Internet de 2021, em 26 de setembro, Wu Peng, Diretor Geral do Departamento de Assuntos Africanos do Ministério das Relações Exteriores da China, disse: "Sob esta grande mudança que não é vista há um século, quem pode esperar que a África não se tornará um parceiro mais importante da abertura da China em algumas décadas? Não poderia a África ser mais importante para a China do que a Europa? Não necessariamente"[9]. Há um ponto em sua declaração.

Criações e fatos

Desde a criação do Fórum de Cooperação China-África em 2000, algumas pessoas parecem estar descontentes com o FOCAC e os resultados

7 "*Mozambican President attends N13 highway completion ceremony*", China Railway Group Ltd., 29 de dezembro de 2021. http://www.crecg.com/web/10089492/10091154/10187954/index.html.

8 *China and Africa in the New Era: A Partnership of Equals,* The State Council Information Office of the People's Republic of China, novembro de 2021. http://www.gov.cn/zhengce/2021-11/26/content_5653540.htm.

9 "*Wu Peng, Director General of the Department of African Affairs, the Ministry of Foreign Affairs: To tell the Chinese story well, we must do a good job in China," China News Network*,

26 de setembro de 2021. https://baijiahao.baidu.com/s?id=1711956163086028254&wfr=spider&for=pc.

práticos da cooperação bilateral. Há sempre descrições incorretas, rumores ou invenções sobre as relações China-África. Como explicou um repórter africano, "a mídia ocidental realiza persistentemente essas campanhas negativas contra a China, como uma arma para travar batalhas na grande guerra comercial e econômica entre o Ocidente e as economias emergentes lideradas pela China" (Mbanda 2018, s/p). Aqui estão alguns exemplos.

Em 2014, Howard French propôs em seu livro, *China's second continent: How a million migrants are building a new empire in Africa,* que a visita do presidente Jiang Zemin à África em 1996 foi um ponto de virada na política africana da China:

> A data de início mais definitiva talvez tenha sido a visita de Estado a seis países africanos do então chefe de Estado, Jiang Zemin, em 1996. Em discurso na sede da União Africana em Adis Abeba, Etiópia, Jiang propôs a criação do Fórum de Cooperação China-África. Este acabou por ser um importante primeiro movimento de duas etapas importantes. Ao retornar à China, Jiang fez outro discurso na cidade de Tangshan, no qual orientou explicitamente as empresas do país a "sair", ou seja, ir ao exterior em busca de negócios. Nenhum líder chinês jamais havia dito algo assim antes e, desde o início, a África era claramente um alvo principal. Seis anos depois, eu estava trabalhando na China quando o Fórum de Jiang se reuniu triunfantemente pela primeira vez, reunindo cinquenta e três líderes africanos em Pequim. Entre as muitas promessas chinesas, Jiang prometeu dobrar a assistência ao desenvolvimento para o continente, criar um fundo de desenvolvimento africano de US$ 5 bilhões, cancelar dívidas pendentes, construir uma nova sede da União Africana na Etiópia, criar de três a cinco zonas de 'comércio e cooperação' em todo o continente, construir trinta hospitais e cem escolas rurais e formar quinze mil profissionais africanos (French 2014, 16, tradução nossa[10]).

10 No original: *"The most definitive commencement date was perhaps the state visit to six African countries by the then head of state, Jiang Zemin, in 1996. In a speech at the African Union headquarters in Addis Ababa, Ethiopia, Jiang proposed the creation of the Forum on China-Africa Cooperation. This turned out to be an important first move in a momentous two-step. Upon his return to China, Jiang gave another speech in the city of Tangshan, in which he explicitly directed the country's firms to 'go out', meaning go overseas in search of business. No Chinese leader had ever said anything like that before, and from the very start Africa was clearly a principal target. Six years later, I was working in China when Jiang's Forum convened triumphantly for the first time, gathering fifty-three African leaders in Beijing. Among China's many pledges, Jiang promised to double development assistance to the continent, create a $5 billion African development fund, cancel outstanding debt, build a new African Union headquarters in Ethiopia, create three to five 'trade and cooperation' zones around the continent, build thirty hospitals and a hundred rural schools, and train fifteen thousand African professionals"* (French 2014, 16).

Do ponto de vista de um historiador, encontrei muitos erros apenas nesse pequeno parágrafo: (1) Em 1996, não havia União Africana. (2) Jiang Zemin não mencionou a criação do FOCAC em seu discurso em 1996. Em vez disso, foi a ex-primeira-ministra de Madagascar, Lila Ratsifandrihamanana, que fez essa proposta em 1999 (Li Anshan 2014). (3) O primeiro FOCAC foi realizado entre 10 e 12 de outubro de 2000, não seis anos após 1996. (4) Mais de 80 ministros de 44 países africanos e representantes de 17 organizações regionais internacionais participaram do primeiro FOCAC, não "cinquenta e três líderes africanos". (5) O Fundo de Desenvolvimento China-África foi criado na Cúpula China-África do 3ffl FOCAC em 2006, não no primeiro FOCAC. (6) Todas as medidas mencionadas por ele foram emitidas na Cúpula China-África em 2006, não no primeiro FOCAC. (7) O Presidente Hu, e não o Presidente Jiang, presidiu a Cúpula China-África em 2006. Embora haja muitos erros em um parágrafo, ainda assim o livro foi recomendado pelo *The New York Times* e pelo *Financial Times* como um dos 100 melhores livros do ano!

Em 2018, o jornal francês *Le Monde* publicou uma reportagem alegando que a China estava espionando a sede da União Africana na Etiópia. O Centro de Conferências da União Africana, construído pela China, um edifício de 100 metros de altura, foi concluído em Adis Abeba, em dezembro de 2011 e tornou-se o edifício mais alto do continente. Entre os estudiosos africanos, existem algumas opiniões diferentes sobre o projeto, o que é natural (Ezeanya 2012; Lokongo 2012). O *Le Monde* informou que a China havia grampeado o prédio que havia construído e presenteado à UA e estava baixando dados de servidores do prédio (Kadiri e Tilouine 2018). O ex-primeiro-ministro, Hailemariam Desalegn, da Etiópia, o presidente Moussa Faki Mahamat da Comissão da UA e muitos outros líderes africanos foram categóricos ao descartar o relatório como fabricado e uma tentativa de manchar as relações China-África.

> Pequim financiou e construiu mais de 6.000 quilômetros de estradas e mais de 6.500 quilômetros de ferrovias. Estes incluem a ferrovia Adis Abeba-Djibuti, a ferrovia Mombasa-Nairóbi e a ferrovia Abuja-Kaduna na Nigéria, que estão em operação. Como resultado, isso catapultou o Tigre Asiático como o investidor mais importante da África no desenvolvimento de infraestrutura (Njoroge 2018, s/p, tradução nossa)[11].

11 No original: "*Beijing has financed and built more than 6,000 kilometers of roads and over 6,500 km of railways. These include the Addis Ababa-Djibouti railway, the Mombasa-Nairobi railway and the Abuja-Kaduna railway in Nigeria, which are operational. As a result, this has catapulted the Asian Tiger into Africa's most important investor in infrastructure development*" (Njoroge 2018, n/p).

"Não há nada para ser espionado porque o relacionamento China-África é muito estratégico, abrangente", disse Hailemariam à margem da 30ª Cúpula da UA realizada na sede da organização. O presidente Moussa Faki disse em entrevista coletiva no final da cúpula que não encontrou nenhum sinal de que o prédio da UA estivesse sendo espionado[12]. O presidente ruandês Paul Kagame, que é o atual presidente da organização e líder das reformas da UA, também rejeitou as alegações do jornal francês (Mbanda 2018).

Conforme indicado anteriormente, a 8ª Conferência Ministerial do FOCAC foi um dos eventos importantes de 2021, em termos tanto das relações China-África quanto da política internacional. A 8ª Conferência Ministerial do FOCAC foi originalmente planejada para ser realizada em Dakar, Senegal. Há muitas coisas estranhas e até rumores sobre a cooperação sino-africana antes da conferência. O jornal zimbabuense *The Herald* divulgou que os EUA até forneceram dinheiro como recompensa por qualquer artigo de calúnia ou difamação contra a China. A Embaixada dos EUA chegou a pagar até US $1.000 por cada artigo que difamasse as empresas chinesas, algo de fato insultuoso para os zimbabuanos[13]. Pouco antes da abertura do 8° FOCAC, houve uma onda de calúnias sobre a "armadilha da dívida" chinesa, como "Uganda entrega aeroporto por dinheiro da China". Na realidade, o Projeto de Expansão e Melhoria do Aeroporto de Entebbe é um projeto de empréstimo preferencial de US $200 milhões financiado pelo Banco de Exportação e Importação da China (*Export-Import Bank of China*, em inglês) e é garantido pelo crédito soberano de Uganda. As duas partes assinaram o contrato de empréstimo em março de 2015 e iniciaram a construção em maio de 2016. Apesar do impacto negativo da COVID-19, a empreiteira *China Communications Construction Company Ltd*. conseguiu acompanhar o cronograma do projeto com o firme apoio do lado ugandês. Agora, o projeto progrediu sem problemas para 75,1% e deve ser concluído e entregue em dezembro de 2022. O caso inventado não possui fundamentos e foi refutado pela Autoridade de Aviação Civil de Uganda em 26 de novembro de 2021 e pela Embaixada da China em Uganda dois dias depois[14].

---

12 "*African leaders dismiss French report of China 'spying' on AU headquarters*", Xinhua, 30 de janeiro de 2018. http://www.china.org.cn/world/2018-01/30/content_50355952.htm.

13 "*US plan to discredit Chinese investments unmasked*", *The Herald*, 21 de setembro de 2021.

14 Autoridade da Aviação Civil de Uganda (*Uganda Civil Aviation Authority*), "*Clarification on Enbete International Airport*", 26 de novembro de 2021; "*Remarks by the Spokesperson of the Chinese Embassy in Uganda on Some Media Reports Alleging that "Uganda Surrenders Airport for China Cash*", 28 de novembro de 2021, 18:52. http://ug.china-embassy.org/eng/xwdt/202111/t20211128_10454456.htm.

Em 24 de novembro de 2021, apenas quatro dias antes do 8° FOCAC, recebi um e-mail de uma jornalista da Equipe do Governo da China da Bloomberg em Hong Kong. Ela estava escrevendo um artigo sobre a próxima conferência do FOCAC no Senegal. "Estou interessada em saber por que o evento deste ano parece ter sido rebaixado diplomaticamente". Antes mesmo da reunião, a jornalista já havia chegado a uma conclusão – "rebaixado diplomaticamente" –. Este julgamento incorreto parece ser baseado em informações infundadas. Primeiro, "Até agora, nenhum chefe de Estado africano foi confirmado" e, segundo, "o ministro das Relações Exteriores do Senegal vai hospedá-lo em vez de um chefe de Estado – pelos meus registros, é a primeira vez que o anfitrião do país não recebe o evento desde a sua criação em 2000" –. A fabricação está incorporada em suas duas perguntas: "Qual lado você acha que iniciou o rebaixamento nos laços diplomáticos? Por que você acha que Pequim deixaria o evento diminuir em estatura?" Ela estava pensando que, como "Pequim se choca com os EUA e outras potências ocidentais, tem ainda mais motivos para cortejar seus 50 poderes diplomáticos no continente, que afinal ajudaram a recuperar seu lugar nas Nações Unidas em 1971"[15]. Com essa mentalidade hostil, senão oposta à cooperação China-África, como a jornalista poderia encontrar uma resposta objetiva para suas perguntas?

Infelizmente para ela, mas felizmente para a cooperação China-África, com o tema "Manter a Tradição de Permanecer Sempre Juntos e Construir em Conjunto uma Comunidade China-África Com um Futuro Compartilhado na Nova Era", a 8ffi Conferência Ministerial do FOCAC foi realizada com sucesso em Dakar, de 29 a 30 de novembro. O presidente senegalês, Macky Sall, co-presidente africano do Fórum de Cooperação China-África, participou e presidiu a cerimônia de abertura. Presidente Félix Tshisekedi da República Democrática do Congo, Presidente Abdel-Fattah al-Sisi do Egito, Presidente Azali Assoumani da União de Comores, Presidente Ramaphossa da África do Sul, Presidente Moussa Faki Mahamat da Comissão da União Africana e Secretário-Geral das Nações Unidas António Guterres participaram da reunião por vídeo. O Ministro dos Negócios Estrangeiros chinês, Wang Yi, e os Ministros dos Negócios Estrangeiros de 53 países africanos, ministros ou representantes responsáveis pela cooperação econômica externa e representantes de algumas organizações internacionais e regionais participaram na reunião.

Na cerimônia de abertura da 8ffi Conferência Ministerial do FOCAC, o presidente chinês, Xi Jinping, fez um discurso de abertura. "Este ano marca o 65ffl aniversário do início das relações diplomáticas entre a China e os países africanos". Ele explicou por que a China e a África tiveram um relacionamento

15 Email: XXX para Anshan Li, "*Bloomberg journalist with questions on FOCAC*", 24 de novembro de 2021. 18:03:08 (Quarta-feira).

tão próximo e um vínculo de amizade tão profundo. "A chave está em um espírito eterno de amizade e cooperação China-África forjada entre os dois lados, que apresenta amizade sincera e igualdade, benefício mútuo e desenvolvimento comum, equidade e justiça, e progresso com os tempos e abertura e inclusão". Ele afirmou que ambos os lados prepararam conjuntamente a Visão de Cooperação China-África 2035 e prometeu que, sob o primeiro plano trienal da Visão, a China trabalhará em estreita colaboração com os países africanos para implementar os nove programas seguintes: o programa médico e de saúde, o programa de redução da pobreza e desenvolvimento agrícola, o programa de promoção do comércio, o programa de promoção de investimentos, o programa de inovação digital, o programa de desenvolvimento verde, o programa de capacitação, o programa de intercâmbio cultural e interpessoal, o programa de paz e segurança[16].

Os líderes africanos e a maioria das pessoas geralmente avaliam muito bem o envolvimento da China na África e possuem uma opinião positiva sobre as contribuições chinesas para o desenvolvimento africano. Justamente em virtude dessa cooperação igual e sincera, a reputação da China é durável na África. Isso é sinalizado por vários relatórios, como o *"The opinion of China",* publicado anualmente há mais de uma década pelo *Pew Research Center* nos EUA, ou a pesquisa do Instituto McKinsey sobre empresas chinesas na África em 2017, ou o relatório *Rating World Leaders* (2018) da Gallup, ou a pesquisa de 2020 do *Afrobarometer.* Embora as opiniões africanas sobre a China possam diferir, as pesquisas anuais do *Afrobarometer* de 2016-2020 mantém o mesmo tom (Sanny e Selormey 2020)[17].

BRI e B3W

No final de 2021, Lina Benabdallah, da Universidade Wake Forest, nos EUA, publicou um artigo intitulado *"China's Soft-Power Advantage in Africa: Beijing Isn't Just Building Roads – It's Making Friends"* na *Foreign Affairs.* Ela ressalta:

> A presença em evolução da China na África, incluindo a BRI, é baseada tanto no investimento na construção de capital social e

16 "*Keynote speech by Chinese President Xi Jinping at opening ceremony of 8th FOCAC ministerial conference*", Fonte: Xinhua, 02 de dezembro de 2021. http://www.focac.org/eng/ttxxsy/202112/t20211202_10461079.htm.

17 Veja também "*Here's what Africans think about China's influence in their countries*" 28 de outubro de 2016. http://www.afrobarometer.org/blogs/heres-what-africans-think-about-chinas-influence-their-countries.

> humano quanto em projetos de infraestrutura gigantes. Desde o início deste século, Pequim tem investido fortemente no cultivo de relações políticas, educacionais e institucionais, com líderes e cidadãos em quase todos os países africanos, com os quais mantém relações diplomáticas (Benabdallah 2021, s/p, tradução nossa)[18].

A descrição indica três fenômenos. Em primeiro lugar, a África esteve envolvida no BRI. Segundo, o investimento da China na África abrange vários campos, incluindo econômico, político, educacional, institucional, etc. Terceiro, a China está desenvolvendo conexões em todos os países africanos (exceto um, por exemplo, o Reino de Essuatíni, que não tem relações diplomáticas com a China), não apenas com os líderes, mas também com os cidadãos comuns. A China está construindo infraestrutura, bem como capital social e humano, e fazendo amigos na África. O resultado também explica por que a reputação da China na África é durável, como Olander sugere:

> No ínterim de cinco anos desde que a respeitada agência de pesquisa de opinião pública *Afrobarometer* realizou pesquisas sobre as percepções dos cidadãos africanos sobre o envolvimento da China no continente, as opiniões positivas sobre os chineses foram estáveis ou altas na maioria dos países. No geral, nos 18 países pesquisados pelo *Afrobarometer*, 59% das pessoas pensam que a influência econômica e política da China na África é principalmente positiva. Essa é uma figura notável, especialmente nos dias de hoje, quando a China é um ator tão polarizador em muitas outras partes do mundo (Olander 2020, s/p, tradução nossa)[19].

BRI aqui significa "Iniciativa do Cinturão e Rota", ou "OBOR" *(One Belt One Road)*, apresentada em 2013 pelo presidente Xi Jinping com o significado de desenvolvimento e cooperação internacional. A BRI visa "criar um corredor de infraestrutura da China para a Ásia Central e Europa e uma

18 No original: "*China's evolving presence in Africa, including the BRI, is based as much on investment in building social and human capital as it is on giant infrastructure projects. Since the beginning of this century, Beijing has invested heavily in cultivating political, educational and institutional relationships with leaders and citizens in almost all African countries with which it has diplomatic relations*" (Benabdallah 2021, n/p).

19 No original: "*In the five year interim since the respected public opinion research agency Afrobarometer conducted surveys on African citizens' perceptions of China's engagement on the continent, positive views of the Chinese were either stable or edging higher in most countries. Overall, across the 18 countries that Afrobarometer surveyed, 59% of the people think that China's economic and political influence in Africa is mostly positive. That is a remarkable figure, especially in this day and age when China is such a polarizing actor in many other parts of the world*" (Olander 2020, n/p).

'Rota Marítima da Seda' que liga a China ao sul e sudeste da Ásia, Oriente Médio e África por meio de uma série de portos de águas profundas ao longo de áreas litorâneas do Oceano Índico – provocou muita especulação e controvérsia", e foi denominado como projetos de "elefante branco" que são "politicamente motivados e economicamente insustentáveis" (Bluhm et al. 2021, s/p). No entanto, uma pesquisa coletiva recente encontrou alguns motivos para otimismo. "Como muitos dos países de baixa e média renda incluídos em nossa análise sofrem de uma concentração excessiva de atividade econômica em um pequeno número de centros urbanos congestionados, nossas descobertas sugerem que o financiamento do governo chinês para infraestrutura conectiva promove o desenvolvimento econômico espacialmente inclusivo" (Bluhm et al. 2021, s/p). Agora, três consensos foram alcançados gradualmente. A BRI subiu para a ação nacional do governo chinês e precisa de esforços concertados; a BRI é um plano de longo prazo para compartilhar os interesses dos países ao longo do Cinturão Econômico da Rota da Seda e da Rota Marítima da Seda; a BRI é uma estratégia importante para construir uma comunidade com um futuro compartilhado e melhorar a governança global. A BRI trouxe efeitos positivos no mundo e vem promovendo o comércio internacional, especialmente as relações econômicas e comerciais entre China e Ásia, Europa e África.

Desde a sua introdução, a BRI recebeu uma resposta positiva dos países ao longo da Iniciativa *Belt and Road*, e especialmente dos países africanos. Durante sua visita à África, em 2014, o primeiro-ministro, Li Keqiang, abordou a cooperação sobre a capacidade produtiva entre China-África. Na Cúpula do FOCAC de 2015, os líderes dos países africanos saudaram a participação ativa da China na construção de infraestruturas, interligação e outras indústrias na África e transferiram energia de alta qualidade para o continente[20]. No final de 2015, acadêmicos da China e da África realizaram um seminário acadêmico sobre a "Iniciativa *Belt and Road* e a Cooperação China-África" na África do Sul. Comentários positivos foram feitos sobre as oportunidades trazidas pela BRI para a cooperação China-África e estimou-se plenamente as dificuldades na implementação deste plano. Estudiosos internacionais ofereceram vários pontos de vista. Como parte importante da BRI, a Rota Marítima da Seda construiu uma ponte para a cooperação China-África em áreas econômicas como rodovias, tecnologia da informação e telecomunicações (Pautasso 2016). Na conferência de 2016 sobre *One Belt &*

20 "Xi Jinping meets African leaders of some countries", Xinhuanet, 4 de dezembro de 2015. http://news.xinhuanet.com/world/2015-12/04/c_1117362544.htm.

One Road, realizada em Dar es Salaam, o ex-presidente da Tanzânia, Mkapa, explorou a ligação histórica e a perspectiva futura com confiança:

> [...] a relação comercial entre o continente africano e a China pode ser rastreada até a dinastia Ming. Naquela época, o famoso navegador chinês, Zheng He, trouxe uma enorme frota para a África Oriental, e sua frota chegou a portos africanos como Mombaça. Desde então, tem havido um bom comércio entre a China e a África. Do século XV ao século XIX, a África experimentou um processo de estabelecimento gradual do domínio colonial. Durante este período, o comércio tornou-se menos frequente. Naquela época, o comércio exterior da África era controlado principalmente pelos governantes coloniais. Hoje, o Cinturão Econômico da Rota da Seda pode ser estendido à África, que é muito popular entre nós. A Rota Marítima da Seda do século XXI pode unir os países africanos para perseguir interesses estratégicos, políticos e econômicos comuns. Porque se esta iniciativa for implementada, pode ajudar a alcançar o desenvolvimento comum e a prosperidade entre a China e a África (tradução nossa[21])[22].

A cooperação no domínio da capacidade produtiva entre a China e os países em desenvolvimento foi proposta pelo professor Lin Yifu. Quando era vice-presidente do Banco Mundial, ele visitou a África muitas vezes para explorar o caminho do desenvolvimento africano e apresentou o Grupo Huajian da China à Etiópia, que promoveu o desenvolvimento da indústria de calçados local. Este caso teve um amplo impacto internacional (World Bank 2012). Com base nessa prática, ele apresentou o argumento relevante do encaixe da indústria e o aplicou à nova economia estrutural, sugerindo "Um Cinturão, Uma Estrada e Um Continente", significando que o OBOR deve adicionar o continente africano, porque as enormes

21 No original: "*The trade relationship between the African continent and China can be traced back to China's Ming Dynasty. At that time, the famous Chinese navigator Zheng He brought a huge fleet to East Africa, and his fleet arrived at African ports such as Mombasa. Since then, there has been good trade between China and Africa. From the 15th century to the 19th century, Africa experienced a process of the gradual establishment of colonial rule. During this period, trade became less frequent. At that time, Africa's foreign trade was mainly controlled by the colonial rulers. Today, the Silk Road Economic Belt can be extended to Africa, which is very popular with us. The 21st century Maritime Silk Road can bring African countries together to pursue common strategic, political and economic interests. Because if this initiative is implemented, it can help achieve common development and prosperity between China and Africa*" (Tanzanian Former President).

22 "*Tanzanian Former President: African countries most welcome President Xi Jinping's Belt & Road Initiative*", Sina Finance Network, 14 de novembro de 2016. http://finance.sina.com.cn/meeting/2016-11-14/doc-ifxxsmif2962174.shtml.

indústrias de mão-de-obra intensiva da China podem ser transferidas para a África.

> De acordo com o terceiro censo industrial, 124 milhões de pessoas estão empregadas na indústria manufatureira da China, que é 12 vezes a do Japão. Somente a África pode realizar uma transferência em grande escala de indústrias de mão-de-obra intensiva. A África tem 1 bilhão de pessoas, um grande número de força de trabalho excedente está nas áreas rurais, a proporção de jovens é alta e o nível salarial é apenas um décimo a um quinto do da China. Em termos de indústrias integradas à África, houve casos de sucesso como o grupo Huajian (Lin Yifu 2015, s/p, tradução nossa[23])[24].

Esta é uma iniciativa ousada. A conexão natural entre a Rota Marítima da Seda e a África existe. No entanto, a BRI tem despertado a atenção da mídia estrangeira e há várias opiniões sobre a proposta. O relatório de pesquisa de Joel Wuthnow sobre a perspectiva chinesa é sugestivo. Doutor em Ciência Política pela Universidade de Columbia, Wuthnow foi analista sobre China no Centro de Análises Navais (*Center for Naval Analyses*), pós-doutorando no Programa China e o Mundo (*China and the World Program*) da Universidade de Princeton, e pré-doutorando na *Brookings Institution*, e agora bolsista de pesquisa no Centro para o Estudo de Assuntos Militares Chineses, Instituto de Estudos Estratégicos Nacionais da Universidade de Defesa Nacional (NDU). No relatório do Centro sobre a Iniciativa *Belt and Road*, ele resume que os principais benefícios estratégicos da BRI para o governo chinês incluem reforçar a estabilidade regional, melhorar a segurança energética da China e acumular influência na Eurásia. Ele sugeriu que é importante que os EUA verifiquem a ambição da China enquanto mantêm o relacionamento sino-americano equilibrado. "A estratégia estadunidense deve procurar verificar as ambições geopolíticas da China enquanto avança

23 No original: "According to the third industrial census, 124 million people are employed in China's manufacturing industry, which is 12 times that of Japan. Only Africa can undertake such a large-scale transfer of labor-intensive industries. Africa has 1 billion people, a large number of surplus labor force is in rural areas, the proportion of young people is high, and the wage level is only one tenth to one fifth of that of China. In terms of integrated industries to Africa, there have been successful cases such as Huajian group" (Lin Yifu 2015, n/p).

24 Ele levantou a ideia no "Fórum Langrun-Gezheng – `Seminário Estratégico *Belt and Road* '' em 16 de janeiro de 2015 na Universidade de Pequim.. "Justin Yifu Lin, *'One Belt One Road' should add 'One Continent'*", http://www.21ccom.net/articles/china/ggcx/20150118119130.html. Para estudos recentes veja (Liu Haifang, He Feng, Wang Jinjie, 2021). Esta é uma coleção de relatórios de trabalho de campo em Djibuti e Etiópia em 2019.

a cooperação mutuamente benéfica sempre que possível" (Wuthnow 2017; Wuthnow 2019). Esta parece ser uma estratégia de pesos e contrapesos.

No entanto, existem opiniões mais radicais. Desde o início da administração de Joe Biden, os EUA tentaram o seu melhor para combater e rivalizar com a China por conta própria, introduzindo várias políticas, como a política de contenção da China pelos EUA, o Diálogo de Segurança Quadrilateral (*Quadrilateral Security Dialogue*, QSD ou Quad, na sigla em inglês), a Cúpula para a Democracia e a ação do presidente Biden de denominar a China como um rival estratégico (Jia Qingguo 2021a). O desafio mais perigoso vem de sua postura em relação à questão de Taiwan (Jia Qingguo 2021b). Todas essas políticas visavam combater a China, mas essas falharam ou não resultaram como esperado. Agora, os EUA querem que as outras nações desenvolvidas fiquem ao seu lado para combater Pequim juntos. Em junho de 2021, os países do G7 anunciaram uma nova iniciativa chamada parceria *"Build Back Better World"* (B3W). O documento encontra-se na Casa Branca como uma declaração de política da seguinte forma: "Construir um Mundo Melhor: Uma Iniciativa Afirmativa para Atender às Enormes Necessidades de Infraestrutura de Países de Baixa e Média Renda". O presidente Biden e os parceiros do G7 concordaram em lançar a nova e ousada iniciativa de infraestrutura global *Build Back Better World* (B3W),

> [...] uma parceria guiada por valores de alto padrão e com uma infraestrutura de parceria transparente liderada por grandes democracias para ajudar a reduzir a carência de mais de US $40 trilhões de infraestrutura no mundo em desenvolvimento, que foi exacerbada pela pandemia da COVID-19. Ao anunciar essa parceria, os Estados Unidos e seus parceiros do G7 estão expressando uma visão unificada para o desenvolvimento de infraestrutura global. Como principal parceiro da B3W, os Estados Unidos buscarão mobilizar todo o potencial de nossas ferramentas de financiamento ao desenvolvimento, incluindo a Corporação para o Desenvolvimento financeiro (*Development Finance Corporation*), Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (*United States Agency of International Development*, USAID), EXIM, a Corporação do Desafio do Milênio (*Millennium Challenge Corporation*) e a Agência dos EUA para o Comércio e Desenvolvimento (*US Trade and Development Agency*), e órgãos complementares como o Fundo de Consultoria de Transações (*Transaction Advisory Fund*). Ao fazer isso, o governo Biden visa complementar os investimentos domésticos em infraestrutura no Plano de Emprego Americano (*American Jobs Plan*) e

> criar novas oportunidades para demonstrar a competitividade dos EUA no exterior e criar empregos em casa (The White House 2021, s/p, tradução nossa[25])[26].

Como um movimento estratégico, *Build Back Better World* tem as seguintes características. Primeiro, é um plano concebido pelos Estados Unidos, ou diretamente pelos assessores do presidente Biden, como resposta às preocupações levantadas por muitas autoridades, formuladores de políticas e especialistas dos EUA sobre os empréstimos, investimentos e projetos de infraestrutura da China em todo o mundo. Muito provavelmente, será liderado pelos Estados Unidos se for implementado, já que o anúncio deixou claro os Estados Unidos "como parceiro líder na B3W". Além disso, a divulgação da declaração veio com a capa da Casa Branca, não o documento habitual com a marca do G7. Em segundo lugar, é "uma parceria de infraestrutura orientada por valores, de alto padrão e transparente, liderada por grandes democracias". Em outras palavras, a B3W é um projeto ideológico. Terceiro, a iniciativa visa atender às enormes necessidades, por exemplo, "reduzir a carência de infraestrutura de mais de US $40 trilhões no mundo em desenvolvimento". Quarto, a B3W vai depender do setor privado. O documento indica claramente que "o G7 e outros parceiros afins se coordenarão na mobilização de capital do setor privado" e o termo "privado" aparece seis vezes no documento completo, seja "capital do setor privado", "capital privado" ou "setor privado". Quinto, por meio da B3W, todos os países parceiros se coordenarão em quatro áreas prioritárias de foco, por exemplo, clima, saúde e segurança sanitária, tecnologia digital e equidade e igualdade de gênero com a ajuda de instituições financeiras. Sexto, em termos de área geográfica a que a B3W se ocupa, será de âmbito global, "da América Latina e Caraíbas à África e ao Indo-Pacífico.

---

25 No original: "a values-driven, high-standard, and transparent infrastructure partnership led by major democracies to help narrow the $40+ trillion infrastructure need in the developing world, which has been exacerbated by the COVID-19 pandemic. In announcing this partnership, the United States and its G7 partners are expressing a unified vision for global infrastructure development. As a lead partner in B3W, the United States will seek to mobilize the full potential of our development finance tools, including the Development Finance Corporation, USAID, EXIM, the Millennium Challenge Corporation, and the U.S. Trade and Development Agency, and complementary bodies such as the Transaction Advisory Fund. In doing so, the Biden Administration aims to complement domestic infrastructure investments in the American Jobs Plan and create new opportunities to demonstrate U.S. competitiveness abroad and create jobs at home" (The White House 2021, n/p).

26 "*FACT SHEET: President Biden and G7 Leaders Launch Build Back Better World (B3W) Partnership*", *The White House Statements and Releases*, 12 de junho de 2021. https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/06/12/fact-sheet-president-biden-and-g7-leaders-launch-build-back-better-world-b3w-partnership/.

Diferentes parceiros do G7 terão diferentes orientações geográficas". Além disso, a declaração deixou claro que o governo Biden "visa complementar os investimentos domésticos em infraestrutura no Plano de Emprego Americano (*American Jobs Plan*) e criar novas oportunidades para demonstrar a competitividade dos EUA no exterior e criar empregos em casa". O objetivo principal deste plano parece bastante claro.

Embora "China" apareça apenas uma vez neste documento, a primeira e principal razão do presidente Joe Biden por trás do encontro com os líderes do G7 foi "discutir a competição estratégica com a China e se comprometer com ações concretas para ajudar a atender à profunda demanda por infraestrutura dos países de baixa e média renda". Aqui, a intenção do plano B3W é bastante evidente, por exemplo, competir com a Iniciativa *Belt and Road*, assumindo, assim, o compromisso de ações concretas contra Pequim. Segundo o presidente Joe Biden, a parceria B3W dos países do G7 oferece uma alternativa à BRI da China, e o plano B3W seria mais sustentável e inclusivo. Além disso, irá endossar uma nova visão para o financiamento de projetos de infraestrutura em países em desenvolvimento. Muito provavelmente, uma nova fronteira de rivalidade com Pequim é inaugurada pelos EUA mediante o início da parceria B3W junto com outros seis países ricos do mundo (Awan 2021). Essa postura foi denominada como "rivalidade geopolítica dos EUA e da China" (Gu, Green e Yu 2021).

No entanto, a B3W como "um programa de infraestrutura global destinado a combater a influência da China no Sul global" e "projetado para superar Pequim, oferecendo projetos de investimento alternativos destinados a atrair os países a escolher os Estados Unidos em detrimento da China" indica a "estreita compreensão do papel global da China", bem como a cooperação China-África, como aponta Lina Benabdallah (Benabdallah 2021). A ideologia de Biden é tomar a China como rival e usar a B3W para competir com a BRI. No entanto, nem todos os membros do G7 estão satisfeitos com isso, já que alguns têm relações comerciais estreitas com a China. Os investimentos da B3W devem vir do setor privado que buscará lucros, portanto, terá dificuldade de competir com empréstimos e investimentos da BRI patrocinados/apoiados pelo Estado. Além disso, as reservas estrangeiras dos países do G7 não podem se comparar com as da China, com cerca de US $3,2 trilhões em reservas estrangeiras. É apontado por um analista que a China, e não o G7, dispõe de melhor capacidade e vantagem comparativa na construção de infraestrutura (Rana 2021).

O papel da África na BRI

Em uma conferência sobre a cooperação China-África realizada em 2016 na cidade costeira de Xiamen, província de Fujian, vários empresários africanos estavam otimistas sobre as oportunidades de desenvolvimento trazidas pela BRI para a África e anteciparam-se para promover o investimento de empresas chinesas no continente. O vice-cônsul geral da Etiópia em Guangzhou espera que a BRI possa ajudar a África a "encontrar potenciais parceiros de investimento, desenvolver intercâmbios culturais e turísticos, promover intercâmbios comerciais e econômicos, estabelecer cidades irmãs e fortalecer visitas mútuas de funcionários de alto nível e construção de infraestrutura". Ele disse a dezenas de empresários chineses em quais áreas a Etiópia acolhe favoravelmente os investimentos de empresas chinesas, como os setores de processamento de alimentos, bebidas, têxteis, roupas, fabricação de papel/produtos de papel e indústria farmacêutica, etc. Ele também listou as rotas aéreas e marítimas convenientes entre a Etiópia e China[27].

O papel da África no BRI é evidente, expresso tanto na história quanto na atualidade. Essa importância é mostrada nos cinco aspectos a seguir. Em primeiro lugar, os portos da costa leste e sul da África formam uma parte importante da Rota Marítima da Seda fornecendo um canal conveniente para intercâmbio desde muito tempo. Muitos portos importantes na margem oeste do Oceano Índico deram grandes contribuições para a prosperidade do comércio marítimo nesta região. O porto de Alexandria, no Egito, é um eixo fundamental que liga a África, a região árabe e a Ásia. Não é exagero dizer que o antigo Reino de Axum (localizado na atual Etiópia) era uma potência comercial de primeira classe no comércio mundial naquela época. Ele possui uma localização geográfica vantajosa e controla dois portos famosos no Mar Vermelho, Adulis e Assab, ambos na atual Eritreia (Sellassie 1972, 15-17). Plínio apontou em 75 d.C. que o porto de Adulis era um dos portos mais importantes do Mar Vermelho e "um grande centro de comércio etíope" (Sellassie 1972, 49). Isso torna possível para Axum dominar mercadorias, informações, gestão e canais no processo de circulação do comércio mundial. Vale a pena notar que é indicado pelo clássico Périplo que Adulis era um dos três portos "estabelecidos por lei", os outros dois estavam localizados na costa da Arábia (Mouza) e no Golfo Pérsico (Charax), respectivamente (Palmer 1951,156). "Pérsia, Índia e China eram os principais países que negociavam regularmente com a Etiópia", e um historiador etíope também notou de fontes

27 "*The African countries are competing for the fulcrum of Belt and Road initiated by China*", *Reference News*, 1 de junho de 2016.

locais e chinesas que os navios chineses vinham na antiguidade, e o que a China importava da região era o que a Etiópia exportava naquele momento (Sellassie 1972, 70). A julgar pelas *commodities* comerciais extremamente ricas, Axum tinha trocas comerciais com países da Eurásia naquela época. Não era apenas um consumidor de todos os tipos de bens, mas também um corretor envolvido em mudar o comércio. Recebia esmeraldas da Núbia e as enviava para o norte da Índia para venda. Algumas das mercadorias exportadas de Adulis foram realmente produzidas no interior da África. O sistema tarifário foi estabelecido e começou a forjar sua própria moeda. Europeus e asiáticos vieram para Axum para se envolver em atividades comerciais e viveram em cidades e vilas como Adulis, Axum, etc., e trouxeram todos os tipos exóticos de instrumentos de pesagem e necessidades diárias. Na costa leste africana, existem várias relíquias, como porcelanas e moedas antigas da troca com a Ásia. Por exemplo, 176 moedas chinesas da dinastia Song (960-1279) foram encontradas em Kazengwa, Zanzibar, em 1945. O professor Marco Vigano, da Universidade de Adis Abeba, também descobriu moedas Song no interior da Etiópia nas ruínas da vila medieval de Harla, perto de Dire Dawa, um indício da extensa presença do comércio chinês na África Oriental (Li Anshan 2015; Abram 2015).

Entende-se que desde a antiguidade a Rota Marítima da Seda tem desempenhado um papel importante nas relações comerciais e nos intercâmbios culturais entre Ásia, África e Europa. No entanto, o processo foi interrompido pela expansão colonial dos impérios português, holandês e britânico. Hoje, percebe-se que somente compartilhando a rota marítima e buscando o desenvolvimento comum que todos os países ao longo da rota podem se tornar beneficiários da Rota Marítima da Seda. Portanto, os esforços da China para construir uma rota marítima pacífica e defender o desenvolvimento da BRI não são de forma alguma para aproveitar-se do canal de comércio marítimo, mas para fornecer uma oportunidade de desenvolvimento com outros parceiros. Atualmente, o Djibuti desempenha um papel importante como porto internacional. Além disso, Mogadíscio, Mombaça, Dar es Salaam, Beira, Maputo, Durban, Elizabeth e Cidade do Cabo na costa leste e sul da África constituem importantes grupos portuários no Oceano Índico ocidental.

Em segundo lugar, as ilhas africanas (países) no Oceano Índico ocidental formam o eixo da Rota Marítima da Seda. Madagascar, Maurício, Comores, Seychelles, Reunião e outras importantes ilhas (países) no oeste do Oceano Índico são importantes paradas ou portos de trânsito desde a antiguidade aos tempos modernos (Chan Ieng Him 2016, 18). As Ilhas Maurício têm atuado como um ponto de trânsito para migração e comércio entre os dois continentes da Ásia e África, com St. Louis como um importante porto.

As Ilhas Maurício desenvolveram-se de forma constante e rápida desde a independência e a sua economia mudou de exportação e turismo para a sua diversificação. Atualmente, está passando por uma nova transformação econômica. Embora Comores e Seychelles tenham experimentado turbulências após sua independência, agora estão se desenvolvendo de forma constante. Os portos marítimos dos dois países insulares também desempenham um papel importante. Madagascar é um relevante porto no oeste do Oceano Índico e sempre foi considerado o centro de conexão entre a África e a Ásia. Com seus cidadãos descendentes de africanos e asiáticos, Madagascar tornou-se o elo natural que liga os dois continentes. Embora cubra uma área de apenas 590.750 quilômetros quadrados, Madagascar tem cerca de dez portos ao seu redor, na parte sudeste e noroeste da ilha.

Em terceiro lugar, a segurança marítima do Mar Vermelho e do Golfo de Aden constitui uma garantia vital para a Rota Marítima da Seda. Nos últimos anos, a segurança do Golfo de Aden tornou-se um foco importante do transporte marítimo internacional e da mídia mundial. O porto de Aden, na margem norte, a oeste do Golfo de Aden, e o porto de Djibuti, na margem sul, são importantes portos de combustível e de trânsito comercial para rotas do Oceano Índico ao Mediterrâneo e ao Atlântico, que têm uma posição estratégica relevante. Pode-se dizer que sem a segurança do Golfo de Aden, não haverá segurança da Rota Marítima da Seda.

Quarto, a África tornou-se um parceiro comercial e de investimento dos países asiáticos, e vice-versa. As relações econômicas e comerciais entre a África e a Ásia têm se desenvolvido firmemente. Em 2000, o volume de comércio entre a China e a África ultrapassou US $10 bilhões pela primeira vez. O volume de comércio bilateral aumentou de US $10,5 bilhões em 2000 para US $209 bilhões em 2019 e US $186,9 bilhões em 2020. A China é o maior parceiro comercial da África há 12 anos consecutivos. Foi relatado que o volume de comércio entre a China e a África atingiu o nível mais alto da história no mesmo período (janeiro-setembro)[28]. Depois da China, a Índia, em 2019, classificou-se como o segundo maior parceiro comercial da África entre os países em desenvolvimento fora do continente. Como Priyadarshi Dash apontou em 2014:

28 Gabinete de Informação do Conselho de Estado da República Popular da China (*The State Council Information Office of the People's Republic of China*), "The trade volume between China and Africa reached the highest level in the same period in history", 17 de novembro de 2021. https://baijiahao.baidu.com/s?id=1716656470591533044&wfr=spider&for=pc. Para detalhes veja, *The State Council Information Office of the People's Republic of China, China and Africa in the New Era: A Partnership of Equals*, novembro de 2021. http://www.scio.gov.cn/zfbps/32832/Document/1716800/1716800.htm.

> [...] o comércio Índia-África acelerou nos últimos anos, caracterizado por um notável aumento nas exportações da África para a Índia. A cesta comercial da Índia é fortemente dominada por produtos minerais com muito pouca diversificação no passado recente. Juntamente com a liberalização tarifária, a Índia está reduzindo diferentes formas de barreiras não tarifárias (NTBs), que abriram caminho para um maior comércio entre a Índia e as economias africanas [...] (Dash 2014, 268, tradução nossa[29]).

Em 2001, o volume de comércio bilateral foi de apenas US $5,3 bilhões. Em 2010-2011, o volume atingiu US $51,7 bilhões. O volume aumentou para US $66,7 bilhões em 2019-2020 e ultrapassou US $117 bilhões em 2020-2021 (Sun Xiaohan 2021).

Na história, a Rota Marítima da Seda foi um importante canal para conectar a Ásia e a Europa para a realização do comércio internacional pelo Oceano Pacífico Ocidental e Oceano Índico, até o Oceano Atlântico. A África na história foi um importante centro e ponto de trânsito para intercâmbios marítimos entre a Ásia e a Europa, especialmente a margem ocidental do Oceano Índico (Chan Ieng Him 2016). No entanto, após a chegada dos portugueses, o desenvolvimento predatório foi trazido pelos colonialistas ocidentais. A rota marítima foi interrompida, os negócios distorcidos, os prisioneiros massacrados e suas mãos, narizes e orelhas mutilados foram devolvidos como lembranças zombeteiras, como o historiador americano R.R. Palmer descreveu vividamente em seu conhecido *A History of the Modern World*. Um brâmane na costa leste africana sobreviveu a várias humilhações e arrastou seu corpo mutilado de volta para ver seus compatriotas, o que se tornou o primeiro entendimento sobre os ocidentais na Índia. A imagem cruel serviu como um novo elo entre Europa e Ásia iniciado pelo monopólio português, transferido para o controle holandês, e para a hegemonia marítima da Grã-Bretanha e da França, armada pela teoria do poder marítimo de Mahan. Após a independência dos países africanos, especialmente com a rápida globalização, o papel do trânsito entre a Ásia e a Europa torna-se mais importante com o aumento do comércio, devido ao desenvolvimento tecnológico, divisão industrial do trabalho e elevação do padrão de vida. O Cabo da Boa Esperança e o Canal de Suez são importantes passagens da Ásia para a Europa. A BRI cobre um amplo escopo e quase todos os países africanos estão

29 No original: "*India-Africa trade has gathered pace over the past few years characterized by a remarkable rise in Africa's exports to India...India's trade basket is heavily dominated by mineral products with very little diversification in the recent past. Along with tariff liberalization, India is lowering different forms of non-tariff barriers (NTBs) which would pave the way for higher trade between India and African economies [...]*" (Dash 2014, 268).

entusiasmados com isso. Alguns deles podem servir como destino direto da BRI, outros como extensão ou trânsito para o destino da África, Europa ou Ásia (Liu Weicai 2016, 70-77).

Desde a apresentação da BRI, em 2013, ela passou por um processo de promoção da iniciativa à visão e depois à prática. De 2014 a 2020, o investimento direto não financeiro total da China em outros países ao longo da *Belt and Road* atingiu US $104,72 bilhões, com a média anual atingindo US $14,96 bilhões. Em 2020, o investimento direto não financeiro da China nos países ao longo da *Belt and Road* atingiu US $17,79 bilhões, um aumento de mais de 18% em relação ao ano anterior (Hu Biliang 2021). De acordo com o banco de dados *Refinitiv,* em meados de 2019, a BRI era composta por cerca de 2.631 projetos avaliados em US $3,7 trilhões (Rana 2021). A BRI é uma história de sucesso comprovada da China e de outros países participantes, e o sucesso explica por que despertou uma resposta positiva em todo o mundo. Agora, mais de 170 países, incluindo quase todos os países africanos e organizações internacionais, assinaram documentos de cooperação com a China. Como o primeiro membro oficial da União Europeia a aderir à BRI, a cooperação da Itália com a China certamente promoverá a expansão das relações China-UE sob a estrutura. A China e os países ao longo da *Belt and Road* certamente esperam que seja uma grande oportunidade para a paz e o desenvolvimento. A construção de um mundo sem desigualdades, justo, democrático e livre é um valor basilar compartilhado do destino da humanidade.

Por outro lado, e a B3W? Primeiro, foi apenas apresentado e temos que esperar para ver. Não está claro por enquanto como será a B3W, mas a B3W tem seu valor ideológico na escolha de seus parceiros. Como Augustin Holl disse, é, portanto, "normal que as potências ocidentais tentem lançar iniciativas para combater o poder crescente da China. Não está claro como será a B3W, mas as nações oprimidas e dominadas deste mundo têm o direito de tentar alternativas"[30]. Não é mais fácil enganar as pessoas em um mundo mais complexo.

> Os formuladores de políticas devem levar a sério a importância de investir em relações de longo prazo com cidadãos comuns em países da África e em outros lugares, independentemente das ideologias de seus governos. Eventos divisivos como a Cúpula para a Democracia,

30 Augustin Ferdinand Charles Holl, "#B3W Initiative-G7, #africa #democracy #china", https://www.linkedin.com/in/augustin-ferdinand-charles-holl-8293b411/detail/recent-activity/shares/.

> por outro lado, podem acabar aproximando os países excluídos de Pequim (Benabdallah 2021, s/p, tradução nossa)[31].

O problema aqui é que a intenção do próprio Programa B3W é lutar contra a China, um país com ideologia e cultura diferentes. A "democracia" aqui se torna um padrão autodefinido para dividir o mundo, uma lógica igual à do velho truque colonialista para dividir o mundo pelo padrão eurocêntrico de "civilização".

Conclusão

Tanto a China quanto a África têm uma grande história e contribuíram para a humanidade, mas ambas foram consideradas "bárbaras" pelos europeus durante o período colonial, a julgar pelo seu padrão de "civilização". De acordo com este padrão, as pessoas na Terra são divididas em duas categorias, por exemplo, as nações europeias como "civilizadas" e todas as nações colonizadas como "bárbaras" ou "incivilizadas". Na contemporaneidade, os EUA, com seus parceiros, usaram o mesmo truque e dividiram o mundo em "moderno" e "tradicional", "democrático" e "autocrático", etc. O jogo da categorização do "nós" e "outros" não pode mais ser jogado.

É um aviso de que existem três paradoxos no conceito e na prática da chamada "civilização" (Li Anshan 2021; Li Anshan a ser publicado). Paradoxo um, nações mais civilizadas produziram mais resíduos. Tornou-se um conhecimento comum que a industrialização acompanha os subprodutos, por exemplo, danos ecológicos, fabricação de má qualidade, poluição ambiental, etc. O desequilíbrio Norte-Sul na distribuição global da riqueza produziu grandes danos ambientais no Sul. O movimento transfronteiriço de resíduos perigosos, o desmatamento, a perda gradual da vida selvagem e da biodiversidade, a disseminação global de produtos químicos tóxicos e a transferência de indústrias intensivas em poluição para o Sul, etc. Isso indica a desigualdade da ordem Norte-Sul no mundo[32]. Paradoxo dois, nações mais civilizadas usaram armas mais terríveis para danificar o mundo. Nos tempos modernos, as pessoas "civilizadas" têm meios mais cruéis para matar uns

31 No original: "*Policymakers must take seriously the importance of investing in long-term relations with everyday citizens in countries in Africa and elsewhere, regardless of their governments' ideologies. Divisive events such as the Summit for Democracy, by contrast, can end up pushing excluded countries closer to Beijing*" (Benabdallah 2021, n/p).

32 Existem muitos livros sobre o assunto. Veja também (Felipe Fernández-Armesto 2001, 435-468).

aos outros. Na história, as armas evoluíram de lanças, arcos e espadas para as bombas nucleares e armas biológicas de hoje. Os meios de guerra foram continuamente melhorados, sofisticados e tornaram-se mais cruéis. Durante a Primeira Guerra Mundial, cerca de 8,5 milhões de soldados e 13 milhões de civis morreram, mas durante a Segunda Guerra Mundial, o número de baixas foi de cerca de 130 milhões. Paradoxo três, nações mais civilizadas têm mais pessoas cometendo suicídio. De acordo com dados da OMS de taxa de suicídio padronizada por idade, quanto mais civilizada, mais alta (OMS 2021,14-28). Aimé Césaire disse certa vez: "Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que cria é uma civilização decadente. Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização atingida. Uma civilização que usa seus princípios para trapaças e enganos é uma civilização moribunda" (Césaire 1972, 1).

Uma vez que existem diferenças nas condições geográficas e ambientes naturais, é bastante impróprio usar caracterizações físicas para definir civilização, por exemplo, arado/roda/domesticação/armas/arquitetura/fundição/cidades/idiomas/religião, etc. (Gong 2002, 77-96). Portanto, é necessário redefinir o conceito de "civilização". A civilização é o meio de sobrevivência e desenvolvimento humano ou a capacidade de lidar com três tipos de contradições. O primeiro é o método para lidar com a contradição entre o homem e a natureza. A segunda é a forma de lidar com a contradição entre homem e homem ou a capacidade de conviver com os outros. A terceira é a capacidade de mediar contradições pessoais. A civilização é caracterizada pelo pluralismo e integração, continuidade e ajuste, estabilidade e evolução. A aprendizagem mútua é a melhor escolha para a continuação pacífica e coexistência harmoniosa de diferentes civilizações (Li Anshan 2018).

Nos últimos anos, a China estabeleceu mecanismos de diálogo sobre assuntos africanos com outros parceiros, como Grã-Bretanha, França e UE, e assinou acordos sobre o quadro de cooperação de mercado de terceiros, com progressos na cooperação em áreas como agricultura, eletricidade, portos e projetos hídricos. Em maio de 2021, a China e a África lançaram conjuntamente a Iniciativa de Parceria para o Desenvolvimento da África e pediram a outros países que provejam mais apoio ao continente africano na luta contra a pandemia, promovam o comércio e o investimento e forneçam mais alívio da dívida. Em uma cúpula em vídeo com o presidente francês Emmanuel Macron e a então chanceler alemã Angela Merkel, o presidente Xi Jinping convidou os dois países a participar da iniciativa. Em setembro de 2021, o presidente Xi propôs uma Iniciativa de Desenvolvimento Global na 76ffi sessão da Assembleia Geral da ONU, pedindo a promoção do desenvolvimento global por meio de um crescimento equilibrado, coordenado e inclusivo.

> Diferentes cúpulas com países africanos estão se tornando mais internacionais e inclusivas. As cúpulas da África com o Reino Unido, França e Japão enfatizam a coordenação entre os órgãos das Nações Unidas, organizações financeiras globais, organizações regionais e outros *stakeholders,* e prestam atenção à construção de mecanismos de diálogo inclusivos com setores privados, meios de comunicação, ONGs, grupos de jovens e mulheres (Zhou Yuyuan 2021, s/p, tradução nossa)[33].

Em relação aos parceiros da B3W, gostaria de oferecer uma alternativa para a B3W – não ser uma rival da BRI, mas um complemento da BRI, assim, promovendo o Sul em sua luta por uma vida melhor. A cooperação entre a China e os EUA é explicada por Jing Gu e seus colegas como "diplomacia do desenvolvimento sustentável". Após a análise da pandemia de COVID-19 e das mudanças climáticas que indicam a interconexão do mundo, eles consideram a diplomacia do desenvolvimento sustentável uma nova abordagem para priorizar estratégias de desenvolvimento de diferentes Estados e trabalhar em desafios comuns compartilhados. "A relação EUA-China é a disputa geopolítica definidora do século XXI. A relação EUA-China desempenhará um papel determinante no enfrentamento desses desafios compartilhados. Se os EUA e a China podem ou não cooperar entre si é fundamental para enfrentar as crises compartilhadas" (Gu, Green e Yu 2021, 57). O resultado da rivalidade é inesperado, mas a forma ideal é cooperar uns com os outros em três níveis da comunidade internacional, por exemplo: um órgão supranacional da ONU, o nível interestadual e os especialistas/ONGs profissionais que representam a sociedade civil internacional. "Acredita-se que se as duas superpotências pudessem superar sua rivalidade geopolítica para abrir caminho para um futuro comum da humanidade, todo o restante provavelmente se encaixaria para fundamentar uma nova diplomacia de desenvolvimento sustentável" (Gu, Green e Yu 2021, 8, tradução nossa). Nesse caso, o Sul, especialmente a África, seria beneficiado e o mundo inteiro estaria mais unificado. A China e os EUA contribuíram muito para a construção de uma comunidade com um futuro compartilhado para a humanidade.

Agora, a pandemia da COVID-19 mostra que a sociedade humana está enfrentando um grande desafio, sem paralelo na história. A África está sofrendo com este desastre sem precedentes como outros continentes.

33 No original: "*Different countries' summits with Africa are becoming more international and inclusive. Africa's summits with the United Kingdom, France and Japan emphasize coordination among the UN bodies, global financial organizations, regional organizations and other key stakeholders, and pay attention to building inclusive dialogue mechanisms with private sectors, media outlets, NGOs, groups of youth and women*" (Zhou Yuyuan 2021, n/p).

A COVID-19 é o mesma para todos, sejam pobres ou ricos, é o mesma para todos os países, sejam do Sul ou do Norte, e é a mesma para todos os grupos de pele, sejam eles negros, brancos, amarelos ou pardos. Diante dessa ameaça comum, a humanidade só pode resistir à doença unindo-se e trabalhando em conjunto. Caso contrário, ninguém será poupado. Desta forma, a "comunidade do destino humano" passou de uma formulação ou estratégia para uma escolha realista inevitável. A BRI oferece uma maneira prática de combater a pobreza e o desenvolvimento com esforços conjuntos.

Quanto às relações China-África no futuro, certamente haverá mais problemas pela frente. No entanto, minha visão é única: quanto mais problemas, melhor. Por quê? Se não houver contato, não haverá problema. Quando as relações se tornam mais amplas e profundas, mais problemas definitivamente ocorrem. No entanto, com relações iguais e respeito mútuo, China e África podem sentar-se, trocar ideias livremente e encontrar uma solução. Uma vez resolvido o problema, as relações tornam-se mais sólidas.

Referências

Abraham, Curtis. 2015. "China's long history in Africa." *New African*, March 11, 2015. https://newafricanmagazine.com/10204/#.

Awan, Zamir Ahmed. 2021. "G7's B3W (Build Back Better World) may not compete with China's BRI." July 5. https://www.amfzbao.com/post.html?id=60e2e2628c06f0db3250e628.

Bluhm, Richard, Axel Dreher, Andreas Fuchs, Bradley C. Parks, Austin M. Strange, e Michael J. Tierney. 2021. "Chinese Infrastructure Projects Help Spread Economic Activity in the Global South." *VoxChina*, December 29, 2021. http://voxchina.org/show-3-266.html.

Césaire, Aimé. 1972. *Discourse on Colonialism* (Traduzido por J. Pinkham). New York: Monthly Review Press.

Chan Ieng Him. 2016. "Intersection of Maritime Silk Road and Age of Discovery: Macao Maritime Routes." *Collected Essays of "To the Seas and Beyond: An International Conference on the History of Maritime Silk Road"*. Hong Kong, November 20, 2016. https://max.book118.com/html/2019/0617/7145151150002033.shtm.

Dash, Priyadarshi. 2014. "India-Africa Trade: Current Trends and Policy." *Journal of Studies in Dynamics and Change*, 1(7)(November): 268-279.

Diop, Makhtar. 2015. "Lessons for Africa from China's Growth.", January 13, 2015. Beijing: Tsinghua University.

Ezeanya, Chika. 2012. "The AU and the Tragedy of a New Headquarters." *Chika Ezeanya Esioby PhD*. January 24, 2012. http://chikaforafrica.com/2012/01/24/the-au-and-the-tragedy-of-a-new-headquarters/hunHailemikael.

Fernández-Armesto, Felipe. 2001. *Civilizations—Culture, Ambition, and the Transformation of Nature*. New York: Simon & Schuster Inc.

French, Howard W. 2014. *China's second continent: How a million migrants are building a new empire in Africa*. New York: Knopf.

Gong, Gerrit W. 2002. "Standards of civilization today". In *Globalization and Civilizations*, editado por Mehdi Mozaffari, 77-96. London: Routledge.

Gu, Jing, Danielle Green,e Jiadan Yu. 2021. "Building Back Better: Sustainable Development Diplomacy in the Pandemic Era." *Institute of Development Studies Research Report* 2021, no. 86: 1-72. DOI: 10.19088/IDS.2021.065.

Jia Qingguo. 2021a. "China-US strategic competition." *East Asia Forum Quarterly* 13, no. 1 (January-March): 6-7. DOI: http://doi.org/10.22459/EAFQ.13.01.2021.

_____. 2021b. "Taiwan: Can a perfect storm be averted?" *China International Strategy Review* 3(2021): 66-82. https://doi.org/10.1007/s42533-021-00080-0.

Kadiri, Ghalia, e Joan Tilouine. 2018. "A Addis-Abeba, le siège de l'Union africaine espionné par Pékin." *Le Monde*, 26 Janvier, 2018. https://www.lemonde.fr/afrique/article/2018/01/26/a-addis-abeba-le-siege-de-l-union-africaine-espionne-par-les-chinois_5247521_3212.html.

Li Anshan. 2014. "Origin of the Forum on China–Africa Cooperation." In: *China and the International Society,* editado por Jinjun Zhao e Zirui Chen, 259-294. Beijing: World Century.

_____. 2015. "Contact between China and Africa before Vasco da Gama: Archeology , document and historiography." *World History Studies* 2, no. 1: 34-59.

_____. 2018. "Studies on Mutual Learning among Civilizations." *Journal of Northwestern Polytechnical University (Social Sciences Edition)*, no.4: 42-50.

_____. 2021a. "African Economic Autonomy and International Development Cooperation." In *New Paths of Development: Perspectives from the Global South*, editado por Rahma Bourqia e Marcelo Sili, 43-53. Springer.

_____. 2021b. "Does cultural prejudice inevitably lead to the conflict of civilizations?" *CHINANEWS Dong-Xi-Wen (East/West Query)*, November 11, 2021. https://www.chinanews.com.cn/gn/2021/11-11/9607233.shtml.

Li Anshan, et al. 2012. *FOCAC Twelve Years Later Achievements, Challenges and the Way Forward*. Uppsala: The Nordic Africa Institute.

Liu Haifang, He Feng, e Wang Jinjie (eds.). 2021. *Annual Review of African Studies in China,* 9 (2020-2021), Special Issue "One Belt, One Road and One Continent". Beijing: Social Sciences Academic Press.

Liu Weicai. 2016. "One Belt, One Road strategy in Africa: Application and implementation." *International and Regional Studies*, 1: 70-77.

Lokongo, Antoine Roger. 2012. "New AU Headquarters: A Tribute to China-Africa Relations—A Response to Chika Ezeanya." Pambazuka News, February 1, 2012. http://www.pambazuka.org/en/category/features/79584.

Mbanda, Gerald. 2018. "A winning foreign policy partnership." *China Daily (Africa)*, February 16, 2018. http://www.chinadaily.com.cn/kindle/2018-02/16/content_35707972.htm.

Njoroge, Tony. 2018. "China is a 'soft superpower' in Africa." *China Daily (Europe)*, March 30, 2018. http://www.chinadaily.com.cn/kindle/2018-03/30/content_35956992.htm.

Olander, Eric. 2020. "China's surprisingly durable reputation in Africa." *The Africa Report*, September 11, 2020. https://www.theafricareport.com/41380/chinas-surprisingly-durable-reputation-in-africa/.

Pautasso, Diego. 2016. "The Role of Africa in the New Maritime Silk Road." *Brazilian Journal of African Studies* (Revista Brasileira de Estudos Africanos) 1, no. 2 (July/Dec.): 118-130.

Rana, Pradumna B. 2021. "G7's 'Build Back Better World': Rival to China's BRI?" *RSIS Commentary*, no. 109, July 14, 2021.

Ray, Julie. 2019. "Image of U.S. Leadership Now Poorer Than China's." *Gallup*, February 28, 2019. https://news.gallup.com/poll/247037/image-leadership-poorer-china.aspx?g_source=link_NEWSV9&g_medium=LEAD&g_campaign=item_&g_content=Image%25200f%2520U.S.%2520Leadership%2520Now%2520Poorer%2520Than%2520China%27s.

Sanny, Josephine Appiah-Nyamekye, e Edem Selormey. 2020. "Africans regard China's influence as significant and positive, but slipping." *Afrobarometer Dispatch,* no. 407, November 17, 2020. https://afrobarometer.org/publications/ad407-africans-regard-chinas-influence-significant-and-positive-slipping.

The State Council Information Office of the People's Republic of China. 2021. *China and Africa in the New Era: A Partnership of Equals*. November, 2021.

Sun Xiaohan. 2021. "Current situation analysis and prospect of India's investment and trade with Africa," *China Investment*, 17/18, September 26, 2021. https://www.investgo.cn/article/yw/tzyj/202109/561019.html.

Tang Jiaxuan. 2009. *Strong rain and warm wind*. Beijing: World Affairs Press.

Thurow, L.C.1992. *Head to head: The coming economic battle among Japan, Europe and America*. New York: William Morrow and Company, Inc.

Van Agtmael, Antoine. 2012. "Think Again: BRICS." *Foreign Policy*, October, 2012.

Victoria, Breeze e Anthan Moore. 2017. "China tops the US and UK as destination for Anglophone African students." *The Conversation*, July 28, 2017. http://theconversation.com/china-tops-us-and-uk-as-destination-for-anglophone-african-students-78967.

World Bank. 2012. *Chinese FDI in Ethiopia: A World Bank Survey*. Washington D.C.: The World Bank.

World Health Organization (WHO). 2021. *Suicide Worldwide in 2019: Global Health Estimates*. Geneva: World Health Organization, Annex, 14-28.

Wuthnow, Joel. 2017. "Chinese Perspectives on the Belt and Road Initiative: Strategic Rationales, Risks, and Implications." *China Strategic Perspectives*, no. 12: 1:45, September 27, 2017. https://ndupress.ndu.edu/Portals/68/Documents/stratperspective/china/ChinaPerspectives-12.pdf?ver=2017-09-27-133545-700.

_____. 2019. "China's Belt and Road: One Initiative, Three Strategies." *Strategic Asia* (National Bureau of Asian Research), February 4, 2019.

Zhou Yuyuan. 2021. "More helping hands for Africa." *China Watch*, December 24, 2021. http://www.chinawatch.cn/a/202112/24/WS61cef082a310e884bace482f.html.

RESUMO

O artigo aborda a cooperação China-África no contexto da BRI-B3W. A primeira parte ilustra o contraste de algumas previsões sobre o desenvolvimento do século XXI e a realidade. A segunda estuda as várias invenções e os fatos sobre as relações China-África. A terceira examina a BRI (Iniciativa *Belt and Road*), proposta por Xi Jinping em 2013, e a B3W (*Build Back Better World*), apresentada por Joe Biden em 2021. A quarta explora o papel africano na BRI. A quinta estuda o conceito e a prática de "civilização" em relação ao desenvolvimento mundial. O autor sugere que a BRI e a B3W cooperem entre si para tornar o Sul, especialmente o continente africano, um beneficiário, assim contribuindo significativamente para o mundo inteiro.

PALAVRAS-CHAVE

África. China. Relações China-África. BRI. B3W. Civilização.

Recebido em 19 de janeiro de 2022
Aceito em 8 de fevereiro de 2022
Traduzido por Isabella Cruzichi